

Língua, variação e preconceito¹

Rejane Beatriz Fiepke²
Ana Elisa Bobzyk³
Jéssica Hock⁴

Resumo

O presente estudo visa compreender as variações linguísticas presentes na língua portuguesa, bem como os seus respectivos níveis, tais como: norma padrão ou culta, norma coloquial e gírias. A partir disso, observar as situações mais comuns em que ocorre seu uso. Discute-se também o preconceito linguístico, e a força com que está enraizado e presente em nosso país; e de como essa questão afeta e prejudica as pessoas que sofrem com ele. Realizou-se a análise a partir de uma revisão bibliográfica, com auxílio de músicas, tirinhas e poemas buscados na internet. O presente estudo revela que de fato existe um preconceito linguístico, muitas vezes de aparência sutil de modo que poucos percebem. Assim como, mostra que os falantes fazem uso de vários níveis linguístico em seus atos de comunicação, e que a língua é heterogênea em seu uso.

Palavras-chave: Língua e variação; normas; preconceito linguístico; níveis.

1 Introdução

O objetivo do presente artigo é apresentar a língua portuguesa e a variação existente em seu uso, decorrente dos mais diversos fatores. Dentre os quais se destacam os estruturais e sociais. Pois se sabe que a língua é o principal e mais importante objeto de comunicação humana, sendo que é considerada um bem público, uma vez que é útil e vantajosa ao homem, servindo-lhe de objeto de apropriação. Além do mais, ela é necessária à nossa existência.

A língua é como um rio que se renova, ou seja, ela não é única e acabada, mas está em constante mudança e renovo. Em nosso cotidiano percebemos variações que surgem a cada instante, e que se contrapõe à gramática, que, segundo Bagno (1999, p.20) “é como a água do igapó, que envelhece”. A gramática resiste a essas variações mesmo sabendo que elas já ocupam um espaço considerável em nossa sociedade.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Graduada em Comunicação Social- Habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestranda em Letras/Estudos Linguísticos pela mesma universidade. Bolsista CAPES.

³ Mestranda em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Jornalista na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Cerro Largo.

⁴ Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Santa Maria. Graduada em Letras pela mesma universidade.

O estudo apresenta também os níveis de linguagem, que dizem respeito ao uso da fala e escrita em uma determinada situação comunicativa. O emissor e o receptor devem estar em concordância para que haja entendimento. Assim sendo, cada ocasião exige uma linguagem diferente, e a linguagem utilizada deve sempre estar de acordo com a situação na qual se encontra o indivíduo.

A norma que rege a língua escrita é a gramática. No entanto, a fala não se trata de uma convenção, mas do modo que cada um utiliza esse acordo. Portanto, a língua falada é mais despreendida de regras e, assim, mais espontânea e expressiva. Por este motivo, está suscetível a transformações, diariamente. Dessa forma, a mudança na escrita inicia sempre a partir da língua falada e, em virtude disto, esta é tão importante quanto a língua escrita. Contudo, não é toda alteração na fala que é reconhecida na escrita, mas somente aquelas que têm significação relevante à sociedade.

Outra parte interessante do estudo realizado refere-se ao preconceito linguístico. Um preconceito tão grave quanto os outros, no entanto pouco conhecido pela maioria da população. E uma vez que o problema ainda é em parte desconhecido, também nada é feito para resolvê-lo.

Vale ressaltar que a educação é uma das mais prejudicadas, e o ensino da língua portuguesa nas escolas carece de uma reeducação; pois apesar de todas as transformações e inovações que a sociedade tem adquirido, ainda se cultiva a falsa ideia de que a língua é homogênea. Bem como, ainda se acredita que só há uma forma correta de se falar; a partir disso, as demais variações que não correspondem ao que se define como o “certo” na língua passam a ser ignoradas e vistas como formas inadequadas e incorretas para o uso.

A adoção de uma nova postura quanto ao ensino é necessária quando se quer formar cidadãos conscientes e reflexivos, e não prisioneiros em mitos sobre a sua própria língua. Sendo que é comum ver jovens e adultos com aversão à língua portuguesa, pois agregam um trauma que adquiriram ao aprender na escola todas aquelas regras gramaticais, que diversas vezes não faziam sentido aos seus universos; bem como lhes foi imposto que a gramática deveria ser seguida na íntegra para talvez no futuro ser possível alcançar uma ascensão na sociedade.

Descartando os mitos, as falsas ideias em relação à língua; é possível ver claramente a sua beleza, as peculiaridades próprias do seu imenso patamar de variações. E de como grande parte da cultura brasileira possui belíssimos traços de riqueza,

oriunda justamente dessa miscigenação do povo, e da heterogeneidade da língua portuguesa.

2 Língua e variação: um processo contínuo de transformação

O ser humano nasce, cresce e aos poucos vai desenvolvendo a sua personalidade. Estabelece as suas primeiras relações sociais na família, escola e sociedade em geral. Aprende assim que é um ser social, que necessita de convívio com outras pessoas. No entanto, para que qualquer relação possa ser estabelecida é preciso que haja comunicação, e a língua é o fator que possibilita e permite a existência de todo tipo de contato entre as pessoas.

Dentre todos os seres vivos o homem é o único capacitado para falar. Porém, a ocorrência da fala depende de alguns fatores, que segundo Azeredo (2010, p.52) seriam “A fala depende de maturação biológica e de tempo, mas só pode surgir quando é estimulada pelo meio social onde os outros também falam. Uma língua é como é por causa de seu caráter simbólico e interacional: ela incorpora a cultura no homem à medida que o incorpora ao meio sociocultural.”

Segundo Faraco e Tezza (2008, p.10) “ toda língua é um conjunto de variedades”. O que desmistifica o conceito que muitos agregam em julgar a realidade da língua falada em certa ou errada. Sendo que não há uma maneira certa de falar, porém sim, uma forma mais adequada conforme a circunstância. Uma vez que ocasiões formais exigem o uso de uma fala mais culta, já situações comuns do cotidiano como conversar com amigos, permitem uma linguagem totalmente coloquial, despreocupada com as regras da gramática.

Apesar das inúmeras variações da língua, todas as formas acabam por compreender-se. Isto se observa em uma comparação entre a língua e a música, realizada por Azeredo (2010, p.62) “Imaginemos uma canção qualquer que já tenha sido interpretada por três diferentes cantores. Por maiores que sejam as diferenças entre as três interpretações, sempre seremos capazes de reconhecer nelas a mesma canção”.

Ao lembrar que a diversidade de variações se dá devido alguns fatores de grande relevância, como: região onde vive o falante, sendo que cada região do país possui um conjunto de características fonéticas semelhantes; o grau de escolaridade do falante, assim como o seu nível social, a relação que possui com a escrita, a ocasião na

qual ocorre a fala, e também a intenção do falante, pois o seu vocabulário e o tom de voz variam de acordo com o que deseja conseguir.

Da mesma forma que ao transcorrer do tempo se vivencia inúmeras mudanças nas mais diversas áreas, a língua também passa por transformações. Fato que se confirma nas palavras de Azeredo (2010, p.61) “Toda língua sofre alterações ao longo do tempo”. A partir disso é possível analisar termos que são modificados ou até mesmo caem em desuso, gírias que entram e saem do vocabulário das pessoas de modo que a língua se consolida em um contínuo processo de mudança. É só observar o português da época medieval e se verá que é muito diferente do atual.

Vale ressaltar que nem todas as variações linguísticas tem o mesmo prestígio social no Brasil. Basta lembrar de algumas variações usadas por pessoas de determinadas classes sociais ou regiões, para perceber que há preconceito em relação à elas. No entanto a língua mais prestigiada e vista como a correta por quem desconhece a diversidade da oralidade, será sempre a mais difundida pelos meios de comunicação, principalmente a televisão, e como um dos fatores mais influentes está a novela e os noticiários, que ditam desde a moda ao modo de falar.

O uso da língua sempre se encontra inserido em algum contexto, conforme Faraco e Tezza (2008, p.13) “Quando alguém nos diz algo, nós não apenas interpretamos as informações que nos são passadas pelas palavras em si, mas também o próprio falante, e costumamos avaliar também rapidamente toda a situação em que a fala ocorre”. Sendo que a mesma frase pode ter sentidos diferentes dependendo da circunstância e do contexto em que se passa.

Há também falares específicos para grupos específicos. A citar como exemplo a área da informática, que possui uma linguagem extremamente complexa para quem desconhece o ramo. Bem como a área da medicina, policial, das engenharias, entre outras. O que se estende aos grupos, jovens utiliza uma linguagem diferente de pessoas idosas, grupos marginalizados também possuem a sua própria variedade linguística.

Dessa forma, percebe-se que a variação é um processo que continuará se perpetuando ao longo da história. Sendo que a humanidade é composta por indivíduos, e estes por serem únicos possuem inclusive uma maneira própria de falar. Uma vez que é o povo que faz a língua, não há regras que se possa impor para controlar ou igualar a oralidade, já que a beleza da língua se encontra em sua variedade.

3 Níveis linguísticos

A língua compreende vários níveis, que se referem ao uso da fala e da escrita em determinada situação comunicativa. Um indivíduo em sua rotina pode utilizar variadas linguagens para comunicar-se com as pessoas a sua volta, no entanto é de suma importância que haja uma concordância no uso de determinada linguagem para que ambos possam compreender-se. Pois circunstâncias muito distintas, como um jogo de futebol com os amigos e uma reunião de trabalho com o chefe, exigem uma adequação da linguagem para tal momento.

Sabe-se que a língua escrita é regida pela norma gramatical, e suas respectivas regras. No entanto, a língua falada não é totalmente presa a essas regras, já que é espontânea e mais expressiva. Razões pelas quais está exposta à transformações diariamente. Uma vez que, independentemente da mudança, ela sempre é oriunda da língua falada, e logo após transferida para a língua escrita. Eis o porquê da relevante importância de ambas. Contudo, é preciso lembrar que nem todas as alterações na fala são reconhecidas na escrita.

Uma das maiores influências sobre o modo de falar do indivíduo é o meio sociocultural no qual está inserido. E todo modo de falar acaba por se enquadrar em um dos níveis da linguagem apresentados a seguir:

3.1 Norma Padrão

A norma padrão ou culta é sempre a encarregada de assegurar a unidade da língua de uma nação. Há uma definição interessante para a língua padrão, apresentada por Faraco e Tezza (2008, p.52) “ na rede das linguagens de uma dada sociedade, a língua padrão ocupa um espaço privilegiado: ela é o conjunto de formas consideradas como o modo correto, socialmente aceitável, de falar e escrever”. Assim, qualquer espécie de linguagem, sempre será vista como próxima ou distante da língua padrão.

Surge então a indagação em relação à origem da língua padrão, sob quais as bases ela teria se estabelecido e firmado através da história. Sabe-se que em todas as sociedades modernas ela é o resultado de um longo processo histórico de seleção, o qual sempre esteve ligado aos grupos sociais hegemônicos. Como se observa nas palavras de Faraco e Tezza (2008, p.52) “A língua padrão, na sua origem, é a língua do poder político, econômico e social”. Fato este, que continuará a se perpetuar, pois a língua, de certa forma, é uma das marcas do indivíduo de relevante importância. Porque é pela

análise da língua do indivíduo que é possível ter informações imediatas que geralmente transparecem, como características geográficas, de nível social e escolar.

Dentre todas as normas linguísticas, entende-se que a norma padrão é mais útil para a escrita, até por questões intrínsecas a esta modalidade da língua, pois, ao contrário do que ocorre na fala, há na comunicação escrita, uma ausência entre os interlocutores, o que não permite que as dúvidas referentes ao uso do código sejam sanadas por meio de perguntas e esclarecimentos entre os interlocutores, bem como por meio de outros elementos extralinguísticos e situacionais, a exemplo de expressões faciais, dêiticas, etc.

Pesquisas nos revelam uma particularidade interessante do Brasil, relacionada ao fato de que nenhum falante se orgulha de sua variedade não padrão, a não ser em situações muito específicas e socialmente aceitas como festas juninas, rodeios e outras. O motivo é descrito por Faraco e Tezza (2008, p.112)

Como falantes, desde crianças estamos acostumados a um universo rico de variedades da língua. Quando entramos na escola, tal riqueza se reduz bastante, porque só faz sentido aprender a escrever se aprendemos a escrever a língua padrão.

Surge, então, um choque, para os pequenos que iniciam a sua aventura pelo vasto universo da língua. Aventura, que desde o primeiro momento, talvez se torna uma desventura. Pois descobrem que tudo se resume a um conjunto de regras que devem seguir. E é estabelecida a noção de certo e errado. Segundo Faraco e Tezza (2008, p.112), nesse contexto, “Errada, é sempre a língua que falamos”.

Evidente, que cabe à escola o papel de ensinar a língua padrão. Pois se não fosse assim, quem haveria de ensiná-la?! No entanto, o erro está no fato de apenas se deter nesta norma, deixando de lado todas as outras, tão presentes na rotina da população. Bagno (2007, p.27) traz essa situação.

A escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os quase 190 milhões de brasileiros, independente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc.

No entanto, dominar a língua padrão, é um requisito indispensável para qualquer profissional de nível universitário que queira se elevar acima da vala comum de sua profissão. Assim como, deve ser conhecida pela população em geral. Pois, do agrado ou não, é a língua solicitada nas mais diversas esferas da sociedade. A citar como exemplos comuns, a realização de provas, concursos, discursos oficiais,

elaboração de documentos, e qualquer outro que seja o caso enquadrado em alguma formalidade.

3.2 Gírias

As gírias são resultantes do dinamismo linguístico. Pode-se defini-las como um código restrito a um grupo social, que tem por objetivo a comunicação diferenciada da massa de falantes. Hoje se tem os adolescentes como um de seus maiores representantes, estimulados em parte, pela própria fase em que se encontram.

Têm-se as gírias como linguagem de caráter popular. Em sua maioria são criadas para substituir termos ou conceitos oficiais tradicionalmente usados. Assim como a língua em sua totalidade, as gírias também passam por todo um processo histórico. É comum observarmos que cada época tem as suas próprias gírias, que caem em desuso com o passar do tempo, e com a adesão às novas. No entanto, há casos em que a gíria é aderida pela maioria da população de um país, nessas circunstâncias, ela acaba incorporada no vocabulário oficial, e passa a integrar os dicionários.

Por meio de uma busca minuciosa, pelo uso de gírias em meios de comunicação de massa, principalmente jornais e revistas, foi possível observar a sua presença inclusive em órgãos tradicionais da imprensa brasileira. A prova disso, é que ao contrário do que se podia imaginar, os meios de comunicação tem se rendido a essa linguagem. Alguns programas de televisão, revistas e jornais considerados conservadores no que se refere a norma culta, cada vez mais vêm permitindo que a linguagem informal e junto com ela as gírias, ocupem um espaço, antes proibido, a fim de servirem como elo de ligação entre a mídia e o povo, mais especificamente os jovens.

Nos dias contemporâneos o uso de gírias está tão banalizado que é raro encontrar alguém que não tenha nenhuma inclusa em seu vocabulário. Pesquisas dizem que atualmente são em torno de 50 mil palavras integrantes do linguajar das gírias. Sem exceção de faixa etária, classe social, raça, escolaridade, ou qualquer que seja a diferença, as gírias são parte do cotidiano das pessoas. Sendo que, há também as gírias específicas de grupo, de caráter criptográfico. Ou seja, é uma linguagem codificada de tal forma que não seja entendida por quem não pertence ao grupo.

3.3 Norma coloquial

Sabe-se que a linguagem coloquial, informal ou popular é uma linguagem utilizada no cotidiano em que não exige a observância total da gramática, de modo que haja mais fluidez na comunicação. É mais comumente usada na forma oral; porém também se encontra frequentemente utilizada na forma escrita, principalmente em bilhetes, salas de bate-papo, recados, até mesmo em obras literárias e textos dos mais diversos tipos.

A norma coloquial pode ser observada facilmente em vários ambientes e momentos do cotidiano das pessoas, inclusive aquelas que não possuem uma intimidade com as regras gramaticais da língua. Mas é preciso ressaltar que também é utilizada por pessoas que convivem em um meio mais formal, possuem uma vida acadêmica ativa e conhecem as normas da gramática. Pois, por exemplo, não é raro observar as expressões “te adoro”, “te conheço”, “me espere”, quando na verdade seria “adoro-te”, “conheço-te” e “espere-me”. Outra questão assim é o verbo “ter” utilizado no sentido de sentido de “existir”, que não deveria ocorrer, mas todos fazem esse uso na oralidade.

O fato de um indivíduo fazer maior uso da norma coloquial ou da norma culta é determinado pela sua cultura e formação escolar, pelo grupo social a que pertence e pela situação concreta em que a língua é utilizada. Por isso, um falante adota modos diferentes de expressão dependendo das circunstâncias em que se encontra. É justamente nesse contexto que a língua evolui, transformando-se foneticamente, adquirindo novas palavras, rejeitando outras e a fala do indivíduo modifica-se de acordo com a sua história pessoal, suas intenções e sua maior ou menor aquisição de conhecimentos.

É preciso lembrar que a princípio não existe uma forma mais correta de se falar, o que existe é uma diferenciação que se dá baseada em critérios sociais e também em situações de uso efetivo da língua.

Como atualmente é banal o uso das redes sociais, o modo como as pessoas com as quais convivemos interagem com a língua interferirá em nosso comportamento. O que se confirma nas palavras de Bortoni-Ricardo (2004, p.49) “cada um de nós adota comportamentos semelhantes ao das pessoas com quem convivemos em nossa rede social”.

Então se percebe que a norma coloquial é amplamente utilizada por pessoas das mais diversas esferas sociais, níveis de estudo e características geográficas, pois é uma

norma que permite o diálogo fluir livremente sem a preocupação com o que as regras gramaticais exigem, principalmente no que diz respeito às concordâncias.

4 Preconceito linguístico

É fácil perceber os vários tipos de preconceito existentes em nossa sociedade. Infelizmente ninguém está imune a eles, seja pelo fato de sofrê-los ou até mesmo os praticar mesmo que de maneira involuntária. No entanto é possível observar cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito, a mostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica.

O linguista e escritor brasileiro Marcos Bagno (2008, p.23), traz essa questão e aborda um tipo de preconceito presente em grande escala na sociedade brasileira.

Infelizmente, porém, esse combate tão necessário não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito linguístico. Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: as gramáticas normativas e boa parte dos livros didáticos disponíveis no mercado.

Tem-se então um sério problema social, pois se trata de um tipo de preconceito pouco conhecido, ou até mesmo, desconhecido pela maioria da população. E quando não se reconhece a existência de um problema, certamente também nada se faz para resolvê-lo. Tem-se o preconceito linguístico como um preconceito social que distingue e separa classes sociais, estigmatizando ou prestigiando falantes da língua portuguesa brasileira, mais precisamente, de determinadas variações.

Dessa forma, a educação é uma das mais prejudicadas, uma vez que se cultiva a falsa ideia de que a língua é homogênea, e que só há uma forma correta de se falar; de modo que as demais variações não correspondentes ao que se define como o “certo” na língua passam a ser ignoradas e principalmente, vistas como formas inadequadas, erradas de se falar.

De fato o preconceito linguístico em relação às variações é realmente incompreensível, ainda mais quando se vive em uma sociedade que muda constantemente. Não há justificativas para que não se concorde que a língua é viva, pois ao longo do tempo se observa transformações significativas como a mudança do latim

para o português. E estas mudanças continuam a ocorrer, e não cessarão enquanto tiver quem use a língua. Também não há porque continuar a aceitar que somente a norma padrão é “certa”, quando muitas vezes ela já está ultrapassada.

Sabe-se que o Brasil possui uma variedade linguística muito ampla, devido as características de cada região, as diferenças sociais, entre outras. No entanto, nem todos tem acesso a cultura que é destinada às elites. E embora a escola trabalhe a linguagem formal dentro da sala de aula, ela não tem uma didática apropriada, pois, não se leva em consideração a realidade social do grupo, aplicando a norma padrão como única verdade absoluta, como se os alunos não soubessem nada em relação à língua, desprestigiando-os e desprezando-os.

O preconceito linguístico pode desestruturar uma pessoa socialmente, pois o simples ato de ironizar o erro de uma pessoa acaba cercando o aluno com o medo do erro, o que pode acabar prejudicando o seu desempenho escolar.

Certamente, por falta de preparo a escola acaba afastando ainda mais a possibilidade de uma sociedade carente se encontrar na sociedade em que vive. Pois a escola não leva em conta a educação informal e acaba estabelecendo os mitos de que: português é muito difícil; de que pessoas sem instrução não sabem falar; de que para saber escrever e falar bem são necessários saber as regras gramaticais, enfim, acabam mantendo inverdades que são muito presentes na mentalidade de muitas pessoas quando o assunto é língua portuguesa.

Define-se a escola como o lugar aonde os indivíduos vão para aprenderem, porém, ao chegar lá, é como se a vida da pessoa começasse naquele momento, e que o conhecimento e a bagagem cultural que aquela pessoa trás consigo não valesse de nada e que ela precisará aprender tudo (novamente), inclusive a falar (segundo o português padrão). Dessa forma, o que ocorre é a reafirmação de preconceitos existentes em toda a cultura brasileira. O que condiz com as palavras de Bagno (1997, p.62).

A prática tradicional de ensino da língua portuguesa no Brasil deixa transparecer, além da crença no mito da “unidade da língua portuguesa”, a ideologia da necessidade de “dar” ao aluno aquilo que ele “não tem”, ou seja, uma “língua”. Essa pedagogia paternalista e autoritária faz tábua rasa da bagagem linguística da criança, e trata-a como se seu primeiro dia de aula fosse também seu primeiro dia de vida. Trata-se de querer “ensinar” ao invés de educar.

As variedades mais sujeitas ao preconceito linguístico são, normalmente, as com características associadas a grupos de menos prestígio na escala social ou a comunidade da área rural ou do interior. Historicamente, isso ocorre pelo sentimento e pelo

comportamento de superioridade dos grupos vistos como mais privilegiados, econômica e socialmente. No entanto, se analisarmos bem, esse preconceito trilha caminhos impensáveis, pois se faz presente inclusive na Constituição brasileira. Sendo que são poucas as pessoas que conseguem compreender tudo o que contém na constituição; até mesmo pessoas letradas com ensino superior sentem dificuldades, que dirá aqueles considerados analfabetos funcionais. Com isso, pode-se perceber que por trás disso existe uma ideologia dominante que não tem interesse em que a população tenha acesso efetivo a essas informações.

A partir disso, é perfeitamente notável que ocorre uma exclusão de grande parte da população, já que não lhe é permitido compreender a norma linguística empregada, por ser demasiadamente culta, e diga-se, inadequada para informações que dizem respeito a todo o povo. Bagno (2007, p.17), afirma isso.

A discriminação social começa, portanto, já no texto da Constituição. Todos os brasileiro a que ela se refere deveriam ter acesso mais amplo e democrático a essa espécie de língua oficial que, restringindo seu caráter veicular a uma parte da população, exclui necessariamente uma outra, talvez a maior.

O preconceito linguístico no Brasil se dá mais em relação às pessoas das zonas rurais, às pessoas mais pobres, e aos diferentes sotaques apresentados no país. No entanto, a mídia e os principais meios de comunicação (televisão, rádio e internet), ao invés de combater este preconceito, o reforçam. Pois constantemente estão gozando e ironizando as variedades linguísticas diferentes da sua. E pelo fato da maior parte da mídia se concentrar na região sudeste, o preconceito linguístico é muito acentuado contra o sotaque nordestino, e contra as pessoas do interior.

5 Metodologia

O presente estudo foi realizado a partir de uma revisão bibliográfica. Alguns autores como: Faraco e Tezza, Marcos Bagno e Azeredo; serviram para a fundamentação teórica. A leitura destas obras foi de relevante importância para a compreensão e desenvolvimento do tema em questão. Bem como permitiu um aprimoramento dos conhecimentos relacionados à linguagem, especificamente no que diz respeito à variação e preconceito linguístico.

6 Quadro analítico

Sob a ótica do estudo em questão, é possível fazer análises de meios onde se encontram presentes os níveis de linguagem. Tais como, a norma padrão, a norma culta e coloquial. Formam objetos de análise: músicas, tirinhas e poemas.

6.1 Canções:

A música a seguir é uma composição de Adoniram Barbosa, e apresenta uma linguagem tipicamente coloquial. Com erros gramaticais, pronúncias em desacordo com a norma padrão da língua, no entanto, fato aceitável na língua coloquial, já que é despreendida de regras. É o tipo de linguagem geralmente utilizada por pessoas com menor grau de estudo, e que não pertencem a um nível social mais prestigiado.

Música: Criado em galpão
Os serranos

Nasci na pampa azulada e da minha terra eu sou peão
Estampa de índio campeiro que foi criado em galpão
Gosto do cheiro do campo e do sabor do chimarrão
E de dobrar boi brabo a pealo nos dias de marcação
Gosto de fazer um potro se cortar na minha chilena
Pra sentir o sopro do vento esparramando a melena
Pra sentir o sopro do vento esparramando a melena
Meu sistema de gaúcho é mais ou menos assim
Uso um tirador de pardo arrastando no capim
Uso uma bombacha larga com feitiço do melhor pano
E um trinta ao correr da perna com palmo e meio de cano
Crinado que sacode arreio engancho só na paleta
Pois as esporas que eu uso tem veneno na roseta
Tenho um preparo de doma trançado com perfeição
Pra fazer qualquer ventena saber que é este peão
O dia em que eu não puder agüentar mais o repuxo
Talvez o rio grande diga lá se foi mais um gaúcho
Mas enquanto eu tiver força laço domo e tranço ferro
E na invernoada do mundo mais um rodeio eu encerro.

Fonte: www.kboing.com.br

A música acima apresenta o dialeto gaúcho, que é um dialeto do português falado no Rio Grande do Sul, e em parte do Paraná e de Santa Catarina. É fortemente influenciado pelo alemão e italiano, em razão da colonização; também pelo espanhol e guarani nas áreas próximas à fronteira com o Uruguai. O dialeto possui diferenças lexicais e semânticas muito numerosas em relação ao português padrão, o que causa dificuldade de compreensão do diálogo informal entre dois gaúchos por parte de pessoas de outras regiões brasileiras.

6.2 Tirinhas

É comum observarmos o uso de tirinhas nos mais diversos meios de comunicação, como jornais, internet, televisão e qualquer outro meio de comunicação. São frequentemente utilizadas para provocar humor ou fazer críticas. Diferem-se das histórias em quadrinhos, justamente pelo número de quadrinhos; as tirinhas possuem até três ou quatro quadros, já as histórias em quadrinhos acima de cinco quadros. Utilizam-se dos mais diversos níveis de linguagem. Como é possível observar a seguir.

Tirinha a)

O quadrinho a seguir apresenta em forma de humor o uso da linguagem coloquial. A mulher em uma entrevista de emprego ressalta o seu conhecimento de várias línguas de outros países, mas demonstra desconhecer a língua padrão do seu próprio país.

Fonte: www.linguagemcoloquial.com.br/imagens



6.3 Poema

A linguagem poética é um tipo de linguagem que não possui compromisso com a objetividade e com a realidade tal qual é. Geralmente está mais carregada de conotação do que denotação. Costuma expressar sentimentos, estado de espírito, o emocional do eu lírico. Porém, também há poemas de cunho social, engajados em prol de determinada coisa presente na sociedade. No entanto, o que vêm ao caso é o fato de que a poesia pode apresentar níveis linguísticos dos mais diversos, pois não há regra que venha a restringir o uso de alguma forma de linguagem.

Poema:

Motivo
Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.
Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

Fonte: www.pensador.uol.com.br/ceciliameireles

O poema de Cecília foi escrito a partir da norma linguística padrão. Pois não apresenta irregularidades gramaticais. Possui subjetividade, descrição de sentimentos. No poema, de uma forma geral, é possível notar a passagem do tempo, a transitoriedade da vida, o que concede ao poema um tom melancólico. Pode-se observar que os poemas de Cecília apresentam como característica importante a musicalidade, o que se atribui ao fato de a escritora ter estudado música. A lembrar que Cecília foi a primeira mulher a se destacar na poesia brasileira. Sua obra apresenta de maneira geral, uso da norma padrão.

8 Considerações finais

Este trabalho apresentou a importância da variação linguística, bem como os níveis da língua usados nas mais diversas circunstâncias do cotidiano da vida de um indivíduo. Além de mostrar todo o preconceito que envolve esse tema tão interessante. As ideias de Bagno revelam como esse preconceito foi enraizado na realidade linguística brasileira, e os fatores que alimentam a falsa ideia de que só se deve usar e estudar a língua considerada padrão.

A partir do estudo das teorias deste autor, bem como dos demais também, puderam-se observar os diversos fatores que causam e reafirmam a variação linguística, e com essas justificativas, esclarecer que, sobretudo é preciso respeitar o diferente e a partir dele, refletir e investigar as causas das variações. Pois a língua nada mais é que um conjunto de dialetos, portanto, não é homogênea.

Percebe-se também que apesar de o conhecimento da língua padrão ser o mais exigido em vários momentos, como na escola, em concursos e demais esferas sociais;

esta não consegue anular as outras variedades, principalmente a língua coloquial, usada pela maioria da população.

Assim, tem-se a confirmação de que enquanto houver língua portuguesa, a sua heterogeneidade continuará a se perpetuar. Pois tal como a diversidade cultural do país, que resulta em uma beleza única, o encanto e o belo da língua também estão justamente em sua variação. Uma vez que, de nada seria interessante se todos falassem da mesma forma.

9 Referências bibliográficas

ANDRADE, Oswald de. Disponível em: WWW.pensador.uol.com.br/oswalddeandrade. Acesso em: 09.07.13

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 3.ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália. Novela sociolinguística**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

BARBOSA, Adoniram. Tiro ao Álvaro. Disponível em: <http://www.kboing.com.br/adoniran-barbosa/>. Acesso em: 09.07.13

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristovão. **Prática de texto para estudantes universitários**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MEIRELES, Cecília. Disponível em: : http://pensador.uol.com.br/cecilia_meireles_poemas/ . Acesso em: 09.07.13

Norma coloquial, tirinhas. Disponível em: <http://www.linguagemcoloquialimagens>. Acesso em: 09.07.13

SERRANOS, Os. Disponível em: <http://www.kboing.com.br/osserranos> . Acesso em: 09.07.13